

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: A CONTEXTUALIZAÇÃO DA MÚSICA NO COTIDIANO DISCENTE

Vinicius Eduardo Garcia Catellan<sup>1</sup>  
Douglas Vitto<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo é fruto de atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), de Geografia, da Universidade Estadual de Londrina/UEL, no ensino fundamental da escola Estadual Kazuco Ohara, onde foram propostas músicas como instrumentos de formação crítica sobre a Copa do Mundo de 2014. As práticas pedagógicas lúdicas favorecem a formação crítica dos alunos, que convivem com grande fluxo de informações. O desafio, no âmbito da formação de professores, é conseguir abstrair, destes alunos, opiniões coerentes e fundamentadas criticamente. A contextualização da música se mostrou eficaz, pois a interpretação textual se revelou essencial ao potencializar o pensamento dos alunos sobre problemas sociais, os quais, antes da atividade, não eram percebidos. Na formação docente, esta atividade mostrou-se necessária por dinamizar a construção do pensamento crítico, sendo uma ferramenta para o trabalho com temas didáticos, pois a interpretação musical ampliou as possibilidades didáticas propostas pelo docente aos seus discentes.

**Palavras chave:** Música; Cotidiano; Copa; Docentes.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo visa compartilhar a atividade desenvolvida no Colégio Estadual Prof<sup>a</sup> Kazuco Ohara, Londrina Paraná, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no primeiro semestre de 2014. Essa atividade baseou-se na aplicação da música como ferramenta didática e intermediador lúdico para a construção do conhecimento com base nos desdobramentos da Copa do Mundo de 2014, sediada pelo no Brasil.

Assim, no contexto de desenvolvimento do PIBID, viabilizou-se a utilização da música como ferramenta didático pedagógica com alunos do nono ano (ensino fundamental II), cujo foco de análise permeou os consequentes despejos de populações residentes em algumas cidades sedes do mundial de 2014. Enfatiza-se a necessidade de utilização de linguagens diferenciadas no processo de construção e transmissão dos conhecimentos analisados pela ciência geográfica e que estão presentes no cotidiano discente e docente.

<sup>1</sup>Graduando em Geografia e Bolsista da CAPES/PIBID. E-mail: [viniciuscatellan@folha.com.br](mailto:viniciuscatellan@folha.com.br)

<sup>2</sup>Graduando em Geografia e Bolsista da CAPES/PIBID. E-mail: [d\\_vitto@hotmail.com](mailto:d_vitto@hotmail.com)



## 1 NOVAS DINÂMICAS E LINGUAGENS

As práticas de ensino escolares devem acompanhar o caminho percorrido diariamente pelas sociedades, em diferentes tempos e momentos, como Santos (2009, p. 172) coloca: “O meio geográfico atual, graças ao seu conteúdo em técnica e ciência, condiciona os novos comportamentos humanos, e estes, por sua vez, aceleram a necessidade da utilização de recursos técnicos, que constituem a base operacional de novos automatismos social”. Para Santos (2006) “o processo de ensino aprendizagem deve partir da consciência da época em que se vive, assim é preciso estar atento a realidade espacial do momento”.

Nesse processo de ensino aprendizagem, encontra-se parte do papel do professor, como colocado por Vesentini (2011) que “cabe ao professor esforçar-se no sentido de trazer para o contexto em que o aluno está inserido, e para a realidade conteudista que está se trabalhando em sala de aula”. Remetendo a reflexões sobre a necessidade de atualização do professor, nesta sintonia, sociedade, ensino aprendizagem e docente.

Como resultado, porta voz, da utilidade de ferramentas pedagógicas diferenciadas para o ensino de Geografia na atualidade, encontra-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que,

Ao pretender o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. [...] com a literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura desse espaço. É possível aprender geografia com a Literatura [...] também as produções musicais, a fotografia e até mesmo o cinema são fontes que podem ser utilizadas por professores e alunos para obter informações, comparar e inspirar-se para interpretar as paisagens e construir conhecimentos sobre o espaço geográfico. [...] A geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos. (BRASIL, 1998, p.33).

Com base nisso, há o enquadramento da música como alternativa da construção do conhecimento na escala/âmbito escolar com os alunos do ensino fundamental. Estando a realização de tal prática atrelada ao desenvolvimento do PIBID que objetiva o estímulo ao aluno graduando pela carreira/prática docente, visando a mitigação no cenário educacional brasileiro, como a falta de professores e a baixa procura de estudantes pelas licenciaturas, ao mesmo tempo em que busca a melhora qualitativa



das metodologias aplicadas hoje com esta nova geração de alunos. Conforme colocado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC),

O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. A intenção do programa é unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, a favor da melhoria do ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) esteja abaixo da média nacional, de 4,4. Entre as propostas do Pibid está o incentivo à carreira do magistério nas áreas da educação básica com maior carência de professores com formação específica: ciência e matemática de quinta a oitava séries do ensino fundamental e física, química, biologia e matemática para o ensino médio. (MEC, s/a).

Então, é neste contexto de mudanças que que o PIBID do curso de Geografia da UEL surge, permitindo o uso de diversas ferramentas didático pedagógicas, e a abordagem do mundial de 2014 conjuntamente a música viabilizando a contextualização e conhecimento dos alunos.

## 2 A RELAÇÃO ENTRE GEOGRAFIA, MÚSICA E ENSINO

Com vistas a analisar as aproximações entre a Geografia e a Música, vale fazer menção aos percussores dos primeiros estudos acerca desta aproximação entre ciência geográfica e a música, como George O. Carney e Lily Kong. As contribuições de Carney nesta integração Geografia e Música podem ser vista no artigo de Castro (2009), intitulado *Geografia e Música: a dupla face de uma relação*, em que há,

1. A delimitação de regiões musicais e a interpretação da música regional [...].
2. A evolução de um estilo musical com o lugar, ou a música de um lugar-específico [...].
3. A origem e a difusão do fenômeno musical [...].
4. A relação entre a distribuição espacial da música e as migrações humanas, rotas de transporte e redes de comunicação como, por exemplo, na transnacionalização da música [...].
5. Os elementos psicológicos e simbólicos da música moldando o caráter de um lugar: a imagem do lugar, o sentido de lugar e a percepção do lugar.
6. Os efeitos da música na paisagem cultural: salas de concertos, festivais de rock e mega shows.
7. A organização espacial da indústria fonográfica e outros fenômenos musicais.
8. A relação da música com o ambiente natural.
9. A função da música “nacionalista” e “antinacionalista”.
10. As interrelações da música com outros traços culturais em um sentido espacial, por exemplo, a religião, as gírias, a política, a culinária e os esportes. (CARNEY, 2003 s/p).



Quanto as contribuições de Kong (1995, p.184), ela faz uma abordagem crítica sobre a negligência do uso da música pelos geógrafos,

A relativa negligência dos geógrafos em relação à pesquisa com música, dentre outras manifestações artísticas, está baseada em dois pontos principais. Em primeiro lugar, ela afirma que os geógrafos foram, durante muito tempo, “profundamente elitistas” em seus interesses, ou seja, privilegiou-se em demasia a cultura das elites em detrimento da cultura popular, que foi tratada, segundo ela, com desdém, como mero entretenimento, trivial e efêmero (KONG, 1995, p. 184).

Além disso, encontra-se nestes primeiros estudos desses pioneiros, formulações argumentativas sobre a importância da música e a sua possibilidade de aplicação. Partes, trechos destes argumentos podem ser verificados, por exemplo, com Carney e Gibson (2003), quando estes apontam que,

[...] a espacialidade da música popular, mais especificamente, focalizando a relação entre música e mobilidade espacial, as formas pelas quais a música está ligada aos elementos culturais, étnicos e geográficos da identidade e como estas questões estão atreladas às transformações de ordem econômica, tecnológica e cultural. (CONNELL & GIBSON, 2003, SP).

Após estas breves colocações sobre os estudos conciliativos pioneiros entre Geografia e Música, que tem como ponto de partida significativo os Estados Unidos da América, busca-se apreender esta trajetória no Brasil, que tem como precursor o geógrafo João Baptista Ferreira de Mello, cujas contribuições são analisadas por Panitz

[...] que João Baptista Ferreira de Mello tenha sido o precursor do tema na geografia brasileira, com sua dissertação defendida na UFRJ em 1991. E a partir de autores como David Seamons, David Ley, Antoine Bailly e Douglas Pocock, que Mello se inspira para interpretar a cidade do Rio de Janeiro sob a ótica de seus compositores, no período do de 1928 à 1991, trabalhando na perspectiva da canção como uma “literatura musicada”. Mas será somente após uma década do trabalho de Mello que a música passará a ser um interesse constante e crescente na Geografia brasileira (PANITZ, 2012, p. 4).

Assim, busca-se subsídios para pensar o papel dessas contribuições no ensino, pois a música se apresentou como ferramenta pedagógica chave para intermediar diversas abordagens de diferentes posicionamentos filosóficos conceituais, que podem ser vistos e resgatados quando Carney (2003) afirma que,

O objetivo é oferecer uma síntese da ampla gama de possibilidades existentes no campo da geografia e música, que podem ser caracterizadas sob diversos adjetivos: empírica, descritiva, humanista, ateorética, não-analítica e subjetiva, pois elas flertam com teorias e métodos que vão desde a análise quantitativa e o difusionismo, que se aproximam da escola saueriana, até conceitos utilizados pela “nova”



# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

## Formação e Conhecimento

### Anais Eletrônicos



geografia cultural, como o espaço vivido e a paisagem simbólica, por exemplo. (CARNEY, 2003, s/p).

Adentrando na relação e (re)ajustamento Geografia e Música no Brasil, é preciso fazer algumas considerações dialogando sobre determinados fatos que permeiam o campo de ensino do país. Portanto, estas considerações são focalizadas, considerando a complexidade do tema ensino devido as suas múltiplas variáveis no estado brasileiro.

A atividade desenvolvida junto ao PIBID contou com o uso da música como recurso lúdico, viabilizando a reflexão das desapropriações em determinadas cidades sedes, como parte do desdobramento da realização do mundial (Copa do Mundo) de 2014, no Brasil.

Quanto à escolha da música como ferramenta didático pedagógica, se fez pela necessidade do uso de recursos diferenciados que chamem a atenção do aluno num verdadeiro processo de aprendizagem e não a mero e enfadonha decoreba. Através da ausência utilitária de variadas ferramentas no ensino, e em específico no ensino de Geografia, a escola torna-se o local entediante e não prazeroso, como coloca Lara (2003, p. 30), “a escola liga-se, pois, a disciplina, silêncio, estudo. Estudo em latim significa esforço. E aqui já começa o perigo dos alunos não se sentirem tão eufóricos”. O que acaba dificultando o processo de aprendizagem, construção do conhecimento, conforme colocado por Puntel (2007) em que o,

Aprender é um ato lento, é uma busca constante. Toda aprendizagem tem um gosto, um sabor e um saber. E nem sempre o gosto e o sabor são deliciosos, pois o processo de aprendizagem, muitas vezes, é doloroso; porém, a satisfação se concretiza quando o saber se efetiva. Às vezes, o caminho é lento e pedregoso. (PUNTEL, 2007, p. 89).

O que apresenta incoerência quando ao se pensar, ou pelo menos deveria pensar, no ensino de Geografia, segundo Straforini (2004), como “[...] necessário [...] compreender o mundo em que vivemos”. Em um momento histórico, que segundo Morran (2006), “muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais, e tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas”.

Sendo assim, é preciso mudar, alterar, renovar, buscar novos meios para a construção do conhecimento de forma conjunta com os alunos, buscando então o prazer, segundo Santos (2011), um elemento fundamental no processo da construção de conhecimentos. Para esta busca de prazeres no processo de ensino aprendizagem, é preciso ampliar meios de abordagem, ou seja, de linguagens como música, teatro, reportagens, filmes, entre outros; pois conforme apontado por Silva,

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

## Formação e Conhecimento

### Anais Eletrônicos



Atualmente é indiscutível que a produção cultural seja um importante aliado do ensino escolar. Vários conteúdos da escola podem ser auxiliados com utilização de obras literárias, artes plásticas, canções, peças teatrais, imagens, gibis, dentre outros. Compreendemos, também, ser papel da escola estimular e socializar o conhecimento de várias formas de expressão cultural, orientando e fornecendo elementos para uma análise crítica da realidade. (SILVA, 2007, p. 42-43).

Lembrando que nesta era técnica-científico-informacional a mídia está entre as variáveis que permeiam positivamente ou negativamente na construção, formação, aquisição de conhecimento pelos indivíduos, especialmente o público jovem. Santos e Chiapetti (2011) discutem que, atualmente,

[...] o acesso às várias mídias está se democratizando. Os professores não são à única fonte de informações que a maioria dos alunos tem acesso. Estes querem e buscam formas de conhecimento motivadoras e instigantes, enquanto aqueles necessitam se adequar às novas exigências desses novos alunos. Isso não significa dizer que os professores não são mais necessários, e sim, o que não se faz necessária é a mera memorização de conteúdos, sem relevância para a vida dos alunos. Os professores do século XXI, necessitam utilizar as várias mídias a favor do seu fazer pedagógico e, assim, a favor dos seus alunos e da sociedade em geral (SANTOS; CHIAPETTI, 2011, p. 168).

Observa-se a relação entre as mudanças da sociedade, o modo de pensar do aluno e as práticas docentes que visam tornar o ambiente escolar atrativo. Neste contexto de repercussão pela mídia com diversas influências no cunho do fluxo informacional, houve a motivação para abordagem da temática da Copa de 2014. Devido aos inúmeros desdobramentos da realização do mundial, verifica-se dentro deste emaranhado fluxo informacional, os personagens aluno e professor, conforme observado por Djik (2012), onde,

Sabemos que professores e livros didáticos influenciam as mentes dos alunos, e não é possível negar que esperemos que eles o façam se quisermos que nossos filhos aprendam algo. Mas é muito difícil distinguir entre uma aprendizagem que realmente serve aos estudantes nas suas vidas presentes e futuras, de um lado, e a doutrinação das ideologias de grupos ou organizações poderosas na sociedade, ou uma aprendizagem que impede que os alunos desenvolvam seu potencial crítico, do outro. Ainda assim, não concentraria a culpa em um professor ou uma passagem tendenciosa num livro didático, uma vez que a forma de influência pode ser muito mais difusa, complexa, global, contraditória, sistemática, e quase não percebida por todos os envolvidos. (DJIK, 2012, p.21).

Assmann (1998) afirma que “a escola pode e deve aprender muita coisa com a mídia, e usá-la como parte constituinte da construção do conhecimento, e não apenas de forma instrumental e adicional”. Tendo como objetivo de estudo, entre os vários efeitos, as desapropriações de parcelas populacionais residentes na cidade sede do



mundial entram como gancho na leitura interpretativa de caráter geográfico e musical. Sobre as desapropriações em locais do território nacional, Mello (2001) considera como desapropriação,

[...] desapropriação se define como o procedimento através do qual o Poder Público, fundado em necessidade pública, utilidade pública ou interesse social, compulsoriamente despoja alguém de um bem certo, normalmente adquirindo-o para si, em caráter originário, mediante indenização prévia, justa e pagável em dinheiro, salvo no caso de certos imóveis urbanos ou rurais, em que, por estarem em desacordo com a função social legalmente caracterizada para eles, a indenização far-se-á em títulos da dívida pública, resgatáveis em parcelas anuais e sucessivas, preservado seu valor real. (MELLO, 2001, P.)

Ao relacionar este com a Copa de 2014, Sade (2013) diz,

A despeito da vigência da Lei nº 12462/2012, que trata do chamado RDC - REGIME DIFERENCIADO DE CONTRATAÇÕES PÚBLICAS, cujo diploma trouxe importantes alterações no processo licitatório de obras públicas destinadas aos jogos olímpicos, paraolímpicos, Copa das Confederações 2013 e Copa do Mundo FIFA 2014, o procedimento das desapropriações permanece sendo regulado pelo mesmo Decreto-Lei nº 3365/1941. Para as obras da Copa do Mundo de 2014 as desapropriações serão por utilidade pública, porquanto a utilização das propriedades foi considerada vantajosa para o Poder Público, inclusive na intervenção do estádio Joaquim Américo Guimarães. (SADE, 2013, p. 153-152).

Conforme Álvares, há desdobramentos maléficos para parte populacional, como por exemplo,

[...] a criação de uma estação de embarque nas proximidades do bairro São Gabriel implicará remoções de moradores. Além disso, outras obras viárias implicarão na reconstrução de vias (como a expansão do Boulevard Arrudas – onde se localiza a comunidade Torres Gêmeas, Figura 1 vermelho 5), na construção de novas vias (Via 210 com previsão de remoção de 40 imóveis, Via 710 com despejo previsto de 84 famílias) e alargamento da Av. Pedro I, com previsão de desapropriação de cerca de 260 imóveis (ÁLVARES, s/a, p. 9).

Surge agora, o desafio de tornar este assunto atrativo, que envolva os lados racional e emocional do aluno, para que tal abordagem não caia no repetitivo discurso banalizado sobre as populações vítimas do modo de produção capitalista na sociedade brasileira, causando a imparcialidade de grande parte da população nacional.

Diante de tais desafios, optou-se pela música que apresenta vasta flexibilidade de aplicação, além de seu caráter lúdico atrelado ao cotidiano. Segundo Costa (2002),

Uma das vantagens de se utilizar a música na Geografia se afirma na pluralidade de assuntos abordados por esta ciência. Violência, guerras, conflitos raciais, fome, falta de infraestrutura nas cidades, belezas naturais, como também degradação ao meio ambiente, fazem parte





dos temas abordados por muitos compositores [...] (COSTA, 2002, p. 104).

Utilizando assim, as músicas “Saudosa Maloca” e “Despejo na Favela” assinadas em 1951 e 1969 pelo compositor, cantor e humorista brasileiro Adoniran Barbosa, como ligação à desapropriação em determinados locais do Brasil em decorrência de sediar o mundial de 2014. Segue abaixo uma das letras musicais trabalhadas com/pelos alunos,

#### ***Despejo na Favela***

*Quando o oficial de justiça chegou  
La na favela*

*E contra seu desejo entregou pra seu narciso um aviso pra uma ordem de despejo  
Assinada seu doutor, assim dizia a petição dentro de dez dias quero a favela vazia e os  
barracos todos no chão*

*É uma ordem superior,*

*Ôôôôôôôô Ô meu senhor, é uma ordem superior { 2x*

*Não tem nada não seu doutor, não tem nada não*

*Amanhã mesmo vou deixar meu barracão*

*Não tem nada não seu doutor vou sair daqui pra não ouvir o ronco do trator*

*Pra mim não tem problema em qualquer canto me arrumo de qualquer jeito me ajeito*

*Depois o que eu tenho é tão pouco minha mudança é tão pequena que cabe no bolso de trás*

*Mas essa gente ai hein como é que faz????*

*- Adoniran Barbosa - 1969*

Estas letras musicais aplicadas com os alunos permitiram que eles reduzissem as escalas de aproximação da manifestação deste fenômeno da desapropriação em três instâncias, sendo a primeira temporal (correlacionar os acontecimentos das décadas de 1950 e 1960 à 2014), a segunda de distância locacional para o cotidiano (por exemplo, as desapropriações ocorridas em pontos da cidade de Pernambuco/PB-BR), e a terceira é a sentimental (que possibilitou o despertar emocional de inquietude). Lembrando que segundo Moran (2006),

Aprendemos melhor quando vivenciamos, experimentamos, sentimos. Aprendemos quando relacionamos, estabelecemos vínculos, laços entre o que estava solto, caótico, disperso, integrando o em um novo contexto, dando-lhe significado, encontrando um novo sentido. Aprendemos quando descobrimos novas dimensões de significação que antes se nos escapavam, quando vamos ampliando o círculo de compreensão do que nos rodeia, quando como numa cebola, vamos descascando novas camadas que antes permaneciam ocultas à nossa percepção, o que nos faz perceber de uma outra forma. Aprendemos mais quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a experiência e a conceituação, entre a teoria e a prática; quando ambas se alimentam mutuamente. Aprendemos quando equilibramos e integramos o sensorial, o racional, o emocional, o ético, o pessoal e o social. Aprendemos pelo prazer, porque gostamos de um assunto, de uma mídia, de uma pessoa. O jogo, o ambiente agradável, o estímulo positivo podem facilitar a aprendizagem. Aprendemos mais, quando





conseguimos juntar todos os fatores: temos interesse, motivação clara; desenvolvemos hábitos que facilitam o processo de aprendizagem; e sentimos prazer no que estudamos e na forma de fazê-lo. (MORAN, 2006, p.22).

A colocação sobre a relação sociedade música e suas influências, são ponderadas por Castro (2009),

Não existe uma sociedade em que não haja música. A música está presente no cotidiano das pessoas, mesmo que servindo apenas como “trilha sonora” para atividades como o trabalho, as compras no supermercado, atividades esportivas, de lazer, cerimônias, rituais religiosos, etc. Ou seja, a música é capaz de transmitir “imagens” de um lugar, podendo servir como fonte primária para entender o caráter e a identidade dos lugares. Um compositor escreve suas músicas inspirado, muitas vezes, em experiências individuais, na memória coletiva de sua comunidade ou seu povo. (CASTRO, 2009, p.13).

Tais colocações, permitem ao entendimento de que a música também é o resultado da construção da sociedade, em seu viés econômico, social, político ou ambiental. Ou seja, é a possibilidade de expressão das insatisfações ou satisfações que há no mundo em diferentes tempos e estruturas de desenvolvimento particular de cada sociedade

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estas breves e pontuais colocações acerca de um contexto que viabilizasse o entendimento da utilização de ferramentas pedagógicas diferenciadas, foi perceptível que através da música é possível realizar a construção social com os alunos, a partir da realidade circundante, seja nas escalas locais, regionais e nacionais, para que estes possam despertar novos olhares para as inúmeras parcelas do território brasileiro, a exemplo das desapropriações, que ocorrem de maneira imperceptível, ou melhor/talvez, “maquiadas” por determinados veículos de informação.

O presente trabalho elaborado se enquadra como prática compartilhada, que sirva como semente para futuras possibilidades de abordagem do conteúdo geográfico com práticas metodológicas diferenciadas em diversas escolas (tendo dentro destas opções a música). Para que assim seja superada a enfadonha Geografia “ensinada” até então em certas instituições.



#### 4 REFERENCIAS

- ÁLVARES, Lúcia Maria Capanema. **Empresariamento da cidade e geração de conflitos**. Disponível em:<  
<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/4236/4106>>.  
Acesso em: 01 outubro 2014.
- ASSMAN, Hugo. **Reencantar a educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 241 p.
- CASTRO, Daniel de. Geografia e música. **Espaço e Cultura**, UERJ, v., n.26, p. 7-18, jul./dez.2009.
- COSTA, Franklin Roberto da. O ensino da geografia através do canção potiguar. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13, 2002, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2002.
- EDUCAÇÃO, Ministério da. **PIBID - Apresentação**. 2014. Disponível em:<  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=233&Itemid=47](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=233&Itemid=47)>. Acesso em: 01 outubro 2014.
- FERREIRA, M. **Como usar a música em sala de aula**. São Paulo, Contexto, 2001.
- GODOY, Moema Lavínia Puga de. **A música, o ensino e a geografia**. 2009. Monografia (Universidade Federal de Uberlândia), Uberlândia, MG. 2009.
- KONG, Lily. **Popular music in geographical analyses**. Progress in Human Geography 19, 1995, 183183. <<http://profile.nus.edu.sg/fass/geokongl/pihg19.pdf>>. [20 de julho de 2011].
- LARA, Tiago Adão. **A escola que não tive...** O professor que não fui... 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 266 p.
- LETRAS. **Despejo na favela**. 2014. Disponível em:< <http://letras.mus.br/adoniran-barbosa/43966/>>. Acesso em: 01 outubro 2014.
- LETRAS. **Saudosa Maloca**. 2014. Disponível em:< <http://letras.mus.br/adoniran-barbosa/43969/>>. Acesso em: 01 outubro 2014.
- MELLO, Celso Antônio Bandeira de. **Curso de Direito Administrativo**. 13 ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2001.
- MORAN, J. M. Caminhos para a aprendizagem inovadora In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**, 12. ed. São Paulo: Papirus, 2006. p. 22-24.
- NASH, Peter. CARNEY, George. The seven themes of music geography. Canadian Geographer 40, 1996, 6974. <<http://tinyurl.com/3qbz5ac>>. [20 de julho de 2011].
- PANITZ, Lucas Manassi. Por uma geografia da música. **Para Onde!?**, UFRS, v.6, n.2, p. 1-10, jul./dez.2012.

# Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



PUNTEL, Geovane Aparecida. Os mistérios de ensinar e aprender Geografia. In: CASTROGIOVANNI. Antonio Carlos.; KAERCHER, Nestor André.; REGO, Nelson. Geografia: práticas pedagógicas para o Ensino Médio. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 89102.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo, Edusp, 2006.

SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Local, v.15, n.3, p. 167-183, set./dez.2011.

SILVA, Marcelo Marchioretto da. **O uso da linguagem musical no ensino de geografia**. 2013. 73. Monografia – Universidade Federal do Paraná. 2013.

SILVA, Onildo Araújo da. **Geografia: Metodologia e Técnicas de Ensino**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004. 94 p.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. 188 p.

VESENTINI, J. W. **Por uma geografia crítica na escola**. São Paulo, Contexto, 2004.